

AMOR

MIRTES INGRED TAVARES MARINHO

Discente de Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
mirtes.buh@hotmail.com

Resumo: O objetivo desta pesquisa é procurar refletir em torno do Eros, do amor. Tema esse pouco discutido, visto que é o que regula a vida e a felicidade dos humanos, desde sempre. A busca do sentido constrói-se a partir do amor, da satisfação e plenitude. Temos a necessidade de afeto, de estar próximo; amamos porque possuímos afetividade, mas uma coisa são as palavras de amor, outra são as palavras sobre o amor. O amor é algo único, um “eu te amo” é composto de muitos componentes diversificados, mas que, associados, dão coerência. No entanto, o amor tem duas fontes: animal e espiritual, ou seja, o amor não se reduz apenas à mera sexualidade física, mas o instinto animal nos revela o amor que nos move de maneira inconsciente, o desejo. Já que a raiz do amor é animal, nosso corpo é a raiz do amor, e com o desejo destrinchamos em volta da sedução do Don Juan. A psicanálise dá como teoria da inserção do indivíduo a maneira pela qual o sócio-sexual molda a pessoa e como essa ação afeta aqueles a quem moldou. O amor é impulso vital. Seduzir é fascinar. O desejo é algo natural do humano.

Palavras-chave: Desejo. Don Juan. Eros.

1 Introdução

O amor é o que move as pessoas. Alimentado pelo espírito e o animal, está muito além da compreensão de como ele se inicia ou morre, de como ele cresce ou diminui, de como afeta os impulsos vitais e a racionalidade.

O amor é, o amor se sente, e, mesmo sem uma definição exata, é ele quem regula a vida da humanidade desde sempre.

Quando espiritual, transforma o indivíduo, adquire-se uma insanidade; motivo pelo qual dizem que apaixonados são loucos, que movem-se de maneira que o mundo gira em torno do ser amado, mas ainda sim, por mais que contraditório, é um amor lúcido, pois existe uma razão desconhecida, mas existe. Não há como entender porque simplesmente só quem ama sabe como é, como já foi dito, não há definição.

Quando animal, a sexualidade física ganha espaço, movendo ao inconsciente, o desejo é quem manda. A psicanálise analisa esse amor impulsivo com a figura do Don Juan, o conquistador, o que ama diversas vezes, aquele que atende a todos os seus desejos.

Amar pode ser a junção desses amores.

2 Amor na Antiguidade

Desde o início da humanidade, o AMOR regula a vida e a felicidade dos humanos. O sentido do amor na Grécia Antiga era como algo Bom e Belo e Verdadeiro. Segundo Ullmann, o jogo erótico entre o homem e a mulher era mais uma necessidade psíquica, algo que fazia parte da natureza humana, os sentimentos de amor envolvia reciprocidade e criatividade. A possibilidade de ter experiências homossexuais era permitida apenas para os homens, e esse termo “homossexual” não existia; era tido como atitude passiva: *erômenos* = o amado; e ativa *erastês* = o amante. A relação sexual entre homens era parte integrante da sexualidade, no entanto a relação entre mulheres era considerada obscena, mas isso não impedia que acontecesse. Os atenienses do século IV aceitavam esse fenômeno.

Ullmann define a homossexualidade na Grécia Antiga como busca de prazer sensorial, não sendo nenhum desvio comportamental, como dizem hoje.

Afrodite e Eros são os causadores do despertar do desejo, do contato físico, do olhar, da vontade do beijo, do prazer.

Para Platão, o amor homossexual é o ponto de partida da sua teoria metafísica, pois propõe ao homem a liberdade das paixões sensuais a fim de elevar-se ao suprassensível.

O *Banquete*, um dos diálogos mais belos de Platão, é um texto maravilhoso sobre o amor, não o reduz à mera sexualidade física, e os discursos proferidos ao longo da dissertação estende um ponte sobre o apolíneo e o dionisíaco, renovando a força do Eros. Os primeiros discursos coloca Eros como um dos deuses mais antigos e veneráveis, sendo este duplo, já na fala de Sócrates, o Eros não é um deus, porque é desejo. Em Sócrates, desejo é falta, falta de algo que não se tem. Eros seria um grande

daimom, um ser intermediário, estaria entre os deuses e os homens, é a ligação do mundo físico e o mundo inteligível.

3 Faces do amor

Para Rubem Alves, o amor, por causa da liberdade, abre mão e deixa o outro ir; no amor existe a possibilidade de separação, e só é amor se entender essa necessidade de deixar o outro ir. Mas que é que amo quando amo? Vinicius de Moraes nos diz no *Soneto da Fidelidade*:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

O amor não é eterno “posto que é chama”. Mas, segundo Rubem Alves, faltou perceber que o amor pela cena permanece para sempre, “o que a memória amou fica eterno”. Amamos a cena antes de amar a pessoa. Santo Agostinho dizia, em suas *Confissões*: “Antes que te conhecesse eu já te amava.”. Somos amantes antes de nos encontrarmos com o objeto de nosso amor.

Não existe algo maior que o amor. Nossa alma é repleta de imagens, rostos a sombra, sonhos, ou seja, que não existe do lado de fora. O amor então se revela algo triste, pois é a bela cena dos nossos sonhos, é condição impossível da alma e só nos resta alimentar a nostalgia que algum rosto nos satisfaça.

Não vamos nos deixar levar por apaixonados como Drummond, que acredita que o amor não tem razão, não tem porque nem pra que. Quem não conhece o famoso poema *As sem-razões do amor*:

Eu te amo porque te amo,
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Acredite, o amor tem razão, apenas as desconhecemos. Para Kierkegaard, é um absurdo pedir explicações do amante pra o seu amor. A melhor resposta a isso é o silêncio, não sendo assim, esse amor cessa, pois perdera o encanto que era não saber o que amo quando amo: "... o amor nasce, vive e morre pelo poder - delicado - da imagem poética que o amante pensou ver no rosto da amada..." (ALVES, 1992, p. 18).

Para Edgar Morin, sem a loucura, fonte de ódio humano, não haveria o amor. Temos a necessidade de sabedoria, de saber inibir e controlar-nos, de ser prudente, mas também de saber exaltar-se. Correr riscos. Sofrimento-felicidade-amor, não experimentá-los é evitar sofrimento, mas também não haverá gozo. No entanto quanto mais felizes, mais próximos da infelicidade ficamos.

Estamos aptos a manter um paradoxo. O amor é o ponto mais alto da loucura e da sabedoria. Amor, loucura e sabedoria se interpenetram mutuamente. Segundo Morin (2005, p. 9):

o amor faz parte da poesia da vida. A poesia faz parte do amor da vida. Amor e poesia engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro. Se o amor expressa o ápice supremo da sabedoria e da loucura, é preciso assumir o amor.

A busca do sentido, o destino antropológico dos humanos, constrói-se a partir do amor. Nós sempre fomos e seremos sujeitos do amor; de um lado ele é algo que vive subjetivamente, e, de outro, que se é submisso. As palavras sobre o amor e as palavras do amor são inversas.

O amor é algo único, ele procede e precede a palavra, de qualquer forma é pela palavra que se exprime a verdade e a mentira que pode circundar ou construir o amor. O paradoxo que temos aqui é o componente físico, biológico, que inclui o engajamento do ser corporal e os componentes mitológico e imaginário. O amor encontra-se enraizado em nossa corporeidade e, ao mesmo tempo, em nosso ser mental.

O sentido da vida emerge do amor. O que não exclui que a humanidade viva na permanência da atração sexual. Como animais de sangue quente, a relação afetiva ocorre afetivamente e racionalmente, sentimentalmente e biologicamente, sagrada e sexual. “Somos duplamente possuídos e possuímos o que nos possui, considerando-o, física e miticamente, como nosso próprio bem” (MORIN, 2005, p. 22).

O amor mesmo que decorrente de um desenvolvimento cultural e social ultrapassa e transgridem regras e normas, ignora barreiras.

O amor sentimental tem medo de se degradar no contato carnal e o amor como desejo usa do contato carnal como instrumento.

O amor renasce incessantemente, a tragédia no amor é justamente a ligação que consolida com o desejo, pois o laço íntimo desintegra-se com a força do desejo, o que enraíza e cria uma afeição profunda que pode destruir o amor contido em seu estado nascente.

Na concepção romântica o amor transforma-se na verdade do ser. A razão tende a dissolver o amor colocando-o como ilusão e loucura. Mas o amor é o ápice da união entre loucura e sabedoria segundo Edgar Morin, pois só o amor contém essa contradição fundamental que não se pode provar empírica e logicamente a necessidade de amor. Apenas podemos confiar no amor, vivendo e espalhando pela vida como um todo. O amor é um risco que devemos correr, pois é ele que contém o sentimento de verdade. Sem sentimento de verdade não há verdade vivida. “Em resumo, o amor nos faz descobrir, igualmente, a verdade do outro” (MORIN, 2005, p. 30).

O amor é autêntico, pois além de vermos a verdade do outro nos deixamos contaminar com ela. O que reside na tragédia do amor é justamente a incompreensão

de si e do outro. Mas a beleza do amor, que reside na interpenetração da verdade do outro em si, implica encontrar sua verdade através da alteridade.

Em conclusão, a questão do amor está em possuir o que nos possui.

4 Don Juan

A teoria psicanalítica deixa de ser sinônimo de pensamento de Freud, desde a década de 20. Segundo Mezan (1993, p. 10):

a psicanálise não é, nem nunca foi, somente uma prática terapêutica, um método para tratar das feridas da alma. Ela é isto também, mas igualmente uma teoria da inserção do indivíduo na cultura, da maneira pela qual o sócio- sexual molda a pessoa e é por sua vez afetado pela ação daqueles a quem moldou.

Pode se entender a partir de algumas leituras sobre o amor, instinto e sexo do e no homem, que, assim como fica bem claro no livro *A casa dos Budas ditosos*, que somos movidos pelos desejos, os quais, muitas vezes, nos negamos a desejar para estarmos inseridos culturalmente e sermos aceitos nas regras que a sociedade dita. Para a personagem de João Ubaldo Ribeiro, somos hipócritas por não sermos livres sexualmente, por não acreditarmos que se pode amar uma, duas, dez pessoas simultaneamente, por reprimir aquilo que somos e queremos pelo machismo ou por padrão implantado por religiões ou outras formas de poder.

Renato Mezan escreve não sobre o Amor, mas sobre os sedutores, o conhecido Don Juan, que para ele é o símbolo por excelência da sedução. Em falas do filósofo Kierkegaard sobre o mesmo, o Don Juan é demoníaco, tem aspecto de força irresistível e triunfante, a própria encarnação do desejo.

A figura do Don Juan é vista como o conquistador, aquele que oferece as mulheres (a depender nos homens) um amor que se esgota no instante da conquista. Seduzir é fascinar.

Para Mezan (1993, p. 21):

...o lado estético da sedução pode recobrir seu lado ético, e esta potência de encobrimento faz a sedução pender para o lado das aparências, dos signos. A metafísica da sedução é uma metafísica platônica, e a sagacidade mentirosa do “parecer” se virá a se opor toda a imagética da verdade “nua”... Seduzir é assim proceder com **perfidia**, a fim de ganhar em poder sobre o objeto da sedução, e colocar este último a serviço das finalidades do sedutor.

Para Mezan, a verdade dos sentidos pode ser ignorada, pois trata-se de uma realidade ilusória. E se pergunta: O fim da sedução é o controle sobre o seduzido?

Don Juan seria um sedutor? Em Kierkegaard os aspectos da sedução são a premeditação e a consciência do que faz. “Mas Don Juan não possui esta consciência. Por isso, não seduz, e este desejo tem aspectos sedutores” (MEZAN, 1993, p. 22).

Don Juan não tem memória, porque memória pressupõe respeito pelo o outro, uma possibilidade de ser afetado pelo o outro. No entanto, o sexual, para ele, é governado pela honra. A honra sustentada na virtude. Como no Regime Antigo, nada era mais nobre que a honra, o agir com propriedade; a mulher devia guardar sua honra que apenas ela portava, já que, na cabeça de Don Juan, a honra é um bem que se entesoura. Portanto, cada mulher ou homem que ele desonra aumenta seus títulos, o seu demonismo. Acerca disso, Ribeiro (1988, p. 15) diz que:

o demonismo, em Don Juan, é uma categoria ética e política, porque ele mente sem a menor vergonha quando ao que aparece como mais elevado e nobre em relação entre os seres humanos: nas questões de amor, que mais confiança absoluta mesmo exigem ... constrói para as mulheres uma série de espelhos falsos nas quais elas enxergam uma promessa de amor intenso, pleno, inigualável. Essa miragem as faz largar tudo o que é direito: a castidade, os laços do casamento, a amizade aos próximos.

O demonismo também é uma categoria política. Gregório Marañon diz que o donjuanismo “não passa da aplicação do maquiavelismo ao amor humano” (RIBEIRO, 1988, p. 15). A semelhança de tal comparação está no poder sob suas relações amorosas. Maquiavel é conhecido como o diabo, assim como o Don Juan; vemos aqui a política ocupar ou tomar o lugar dos afetos. Mas Don Juan não tem o poder que o faria dominar em sentido econômico, e sim de forma teatral, que funciona no coletivo, em público, como *res publica*. Maquiavel tem a política no sentido constitucional, Don Juan teatral, da palavra publica, que é convenção do primeiro sentido no segundo. Ele procura a mulher no público, depois a leva para um lugar oculto, e, após conquistá-la, a devolve, já marcada pela posse e a entrega, ao espaço público de forma que, dessa vez, transformado em espaço do público.

O poder religioso e temporal torna-se irrelevante, reduzido ao cenário criado pelo Don Juan, garantindo não existir mais rival para seus efeitos, dominando os homens pelo teatro social. Teatralizar o social é um recurso para domesticar a nobreza. Temos dois processos aqui: um, organizando a sociedade inteira, e o outro, desorganizando-a. Amor e poder juntos. Pontos em comum: honra, nobreza, sexualidade, amor unido ao poder. Exemplo disso é o rei que tem o dever moral e

religioso como os seus súditos, seu prazer é determinar por sua missão moral que cumpre, ele se casa não pelo o amor a pessoa, mas para cumprir a missão que Deus o confiou que é também de amor, mas de outra ordem: sagrada. “Obedece, pois, o amor a uma ascese, quem sabe platônica, que faz renunciar à paixão em favor do dever” (RIBEIRO, 1988, p. 18).

Na prática do Don Juan, prazer impera sem nenhum redutor. Ele não tem filhos e o seu prazer de sedutor é simplesmente o prazer usual. O que conta para ele é exhibir sua conquista, é “perder” a reputação de uma mulher. Transformando a perda em perdição, mostrando a passividade e finitude humana, da queda decorrente do primeiro pecado, ação empenhada em destruir.

Além do Don Juan temos outra figura conhecida pelo donjuanismo: Casa Nova. Casa Nova é um personagem histórico, que tem como traço principal apaixonar-se a todo instante; ele se apaixona, possui a amada e apaixona-se por outra, sem perder pela anterior, porém perde o gosto da conquista. Condena a moral da castidade “A moral dá em desgraça, o prazer, desde que alerta, em happy and” (RIBEIRO, 1988, p. 11).

Em Casa Nova temos a relação de poder na qual o homem quer o que não possui, e, quando o tem, perde o desejo e este vai em busca de outro objeto sucessivamente, no círculo de frustração e satisfações. Ele deseja o que está à sua frente, é um sedutor prudente. Don Juan traça um destino que lhe escapa da humanidade, o que faz não tem prudência “a hybris o condena, o fogo traça o fogo” (cf. Renato Janine Ribeiro p. 20). Temos entre Don Juan e Casa Nova uma diferença de atitudes no tocante à conquista e ao gozo.

Hobbes e Pascal diz que os objetos externos só trazem insatisfação, que o que buscamos é a busca mesma, e a felicidade no desejo está no seu depuramento, na curiosidade, no desejo de conhecer.

A vontade do Don Juan: seduzir e enganar, mistificar e desonrar, firmar-se e afirmar-se através da aniquilação do outro, da sua destruição. Don Juan transforma o amor em uma conquista “Don Juan não seduz pelo que é, mas sim, é porque seduz” (Ribeiro, 1988, p. 25). Ele acredita ser o senhor do tempo. Diz ter tempo para arrepender-se, mas que até lá tem muito que acontecer ainda. Lábia irresistível “sua sedução não cala fundo nos corpos, mas antes confunde os espíritos” (Ribeiro, 1988, p. 27). O que o faz ser tão irresistível na fala é a frieza do cálculo e a velocidade do raciocínio.

Seduzir também é saber calcular. O mestre da sedução é aquele que sabe confundir tanto as mulheres quanto os criados e os credores. Longe do valor de virtude e próximo do valor como valor de troca. Para Ribeiro (1988, p. 28):

Don Juan calcula tudo e sensatamente descobre porque reina a hipocrisia, porque ela é o vício da moda, o vício privilegiado. Só a hipocrisia permite encobrir o calculo com a máscara dos valores renegados. A hipocrisia é o calculo em ação...

Em contrapartida sabemos que a hipocrisia tem um limite, e Don Juan é hipócrita com todos, menos consigo mesmo, ele não se arrepende. O calculo venceu o nome, a vontade foi vencida em força da expressão dessa vontade. Don Juan refugia-se nos livros. “A sedução tornara-se a manifestação da fantasia das mulheres e da histeria dos literatos” (RIBEIRO, 1988, p. 27).

Poder-conquista-beleza-arte é identidade de nossos heróis e a consistência que os mantem vivos até hoje.

Por ninguém ser como ele, Don Juan não tem caráter, e esse fato põe em dúvida a possibilidade de um destino real, pois, segundo Ribeiro (1988, p. 56):

destino e caráter são duas faces do que os gregos chamavam de *daimon*, associação de um estilo e uma índole, ou seja, inscrição do que uma pessoa é naquilo que ela faz. Não no resultado do fazer, que pode depender de circunstancias, mas no fazer em si mesmo, tomado como manifestação imediata de um caráter. Ora, o que o Don Juan faz é apenas manifestação de um hábito e de uma forma de viver. Não é destino, nem é caráter.

5 Transubstanciação do amor

Em Cioran, o amor é uma forma de comunhão e intimidade, a fusão do amor e sexo, amor com sexo, e vice versa. Os dois entrelaçados por intermédio do individual.

Amo uma criatura por ser o símbolo do tudo. O amor sentimental nada diminui na sexualidade. O amor sem sexualidade é inconcebível. O amor por meio de uma transfiguração orgânica, fixa dentro de nos evoluindo em nossa carne até nos levar a uma ilusão espiritual.

O ser amado cresce dentro de nos purificando-nos em cintilações e reflexos cuja sexualidade se torna periférica, de maneira efetiva ou imaginativa.

No beijo, por exemplo, só é possível numa tal sensação de fusão, de comunhão fecunda. Por isso, às vezes, quando ao beijarmos alguém nos deparamos com beijos que dizemos ser ruins, não o é, simplesmente não houve a troca de química necessária para que haja comunhão. Acerca desse assunto, Cioran (2011, p. 101) diz que:

só o primeiro amor tem valor. Só quem o levou até o fim e viveu todas as suas formas e encantos pode afirmar que não contrariou o Eros. Mas se devido a uma hesitação e insegurança íntimas, devido a uma falta de coragem e impulso na primeira juventude, não manifestamos o nosso amor, matando dentro de nós as expansões eróticas e recusando um abandono integral, o que mais podemos então esperar do amor? ... E será que o amor renascerá? Depende da pessoa e de suas tristezas. Tristezas prolongadas paralisam de tal forma o elã do amor, que começamos a nos perguntar se a tristeza não seria um reflexo da morte, assim como o amor é um reflexo da vida.

Só o dom-juanismo ainda tem sentido.

6 Conclusão

62

O amor talvez seja a melhor e a pior ilusão. Melhor, porque é o impulsionador do momento de felicidade humano. Pior, por nos elevar a tal êxtase de felicidade, que um descaminho, um erro, nos leva a infelicidade, e de volta ao real. Quanto mais felizes mais próximos da infelicidade ficamos, ou seja, amar é o maior risco de todos.

A sociedade nos molda da forma que melhor convém aos que estão no poder. Consequência disso é agirmos como robôs, e negarmos o que desejamos, o amor seja espiritual ou animal, é o que mais vem sendo negado.

Vivemos em um tempo de falta, pois falta desejo, falta amor.

Referências

ALVES, Rubem. **O retorno e terno**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1992.

CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. São Paulo: Hedra, 2011.

MEZAN, Renato. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PLATÃO. O banquete. In: _____. **Diálogos**. Bauru: Edipro, 2009. (v. V).

RIBEIRO, João Ubaldo. **A casa dos Budas ditosos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

RIBEIRO, Renato Janine (ORG.). **A sedução e suas máscaras: ensaios de Don Juan**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

